



AAASVR

IN ITINERE Nº 7



UASP

ONTEM, HOJE E AMANHÃ

PROPRIEDADE: AASVR
EDIÇÃO: DIRECÇÃO DA
AAASVR
COORDENAÇÃO
EDITORIAL: RIBEIRO
AIRES

19 de Maio de 2018

A Amizade e Alegria

A exortação sinodal “Amoris latitiae” tem como início a alegria do amor que se vive em família.

Nós, antigos seminaristas, somos de certeza uma família, em que impera uma amizade pura e alegre, sempre atentos á comunidade.

Além disso, nesta fase da vida todos sabemos que a amizade não cresce pela presença da pessoa, podemos passar anos sem ver um amigo de verdade e, quando, finalmente, o encontramos, parecerá que o tempo não passou.



Porque persistimos nestes encontros ? Porque algo em comum nos marcou. *Quem gosta vem, quem ama fica.*

Às vezes, encontramos-nos pela primeira vez, mas desde logo sabemos que os nossos caminhos foram semelhantes, quer no aspecto de instalações, professores, ensinamentos, o que nos faz afirmar a beleza da amizade nas relações humanas.

Por isso, um dos objectivos no âmbito da educação familiar é o cultivo da amizade. Trata-se de levar os filhos a saber o que vem a ser a amizade e a distinguir os amigos autênticos dos falsos.

A Associação dos Antigos Alunos do Seminário (AAASVR) justifica-se e deve continuar a existir para ser um veículo de afirmação de anos passados e anos vindouros. Em todos os nossos encontros somos levados a homenagear companheiros. Pouco damos, mas demonstramos a nossa imensa amizade e gratidão.

Este ano a AAASVR vai, postumamente, homenagear Mons. Minhava. Algumas vezes o homenageámos em vida, porque o consideramos padre, sábio, humilde e, sobretudo, um Homem, um Amigo bom. Vila Real, cidade e distrito, conhece-o. Assim, o **Valentim Fernandes dos Santos**, de Salto, Barrosão de gema, propôs que fosse erigido um busto em sua honra. A Câmara Municipal de Vila Real apadrinhou a ideia e o Mons. Salvador Parente comprometeu-se editar um livro de sonetos dispersos de Mons. Ângelo do Carmo Minhava, hoje nas nossas mãos.

Da reunião de todos os esforços nasceu o que hoje inauguramos, festejamos e deixamos à posteridade. Com alegria o fizemos, com alegria o damos a todos quantos «amaram» o homem que a todos também cordialmente se dava.

E eis-nos, aqui, mais uma vez, a alimentar a chama da alegria de mais um encontro, de mais um abraço, de mais um momento para repetirmos as velhas histórias que nos identificam como membros de uma comunidade singular.

António Mota Dinis do Vale



ERA UMA VEZ...

A História desta homenagem começou, formalmente, em Mondim de Basto, a 30 de Setembro de 2017, quando José Manuel Moura, em sua casa, a Quinta da Bicuda, recebeu os órgãos sociais da Associação e D. Amândio Tomás, bispo de Vila Real, como convidado de honra. Após o almoço, que ofereceu, e com a presença de sua excelência o bispo da diocese, deu-se início a uma assembleia, durante a qual o associado e companheiro Valentim Fernandes dos Santos apresentou a proposta de, em Vila Real, se erigir um busto que honrasse, dignificasse e eternizasse a figura de Mons. Ângelo do Carmo Minhava, por quem todos os presentes e todo o distrito tinha, e continua a ter, admiração não só pelo sacerdote exemplar, virtuoso e humanista, pelo musicólogo e literato, mas também pelo homem bondoso, simples, humilde e sábio. Aprovada, por unanimidade, a proposta, para ser concretizada, precisava que a Câmara Municipal a ela se associasse. Os primeiros contactos foram estabelecidos com a senhora vereadora da Cultura, Eugénia Almeida, em reunião, realizada nos primeiros dias do mês de Novembro. António Vale, José Macieirinha e Ribeiro Aires apresentaram-lhe o projecto, solicitando a colaboração do município. Em primeiro lugar que concordasse com a proposta e de seguida que aceitasse que a busto fosse colocado em local digno, atendendo ao homem que a Vila Real dera o hino de que todos nos orgulhamos. Foram dois os locais apresentados para o efeito: rotunda existente na confluência do Avenida D. Dinis/Praça Nº 5ª da Conceição e jardim triangular nas proximidades da última residência de Mons. Ângelo Minhava entre a rua Morgado de Mateus e D. Afonso III. A vereadora da Cultura e vice-presidente ficou entusiasmada com a proposta, prometendo levar ao executivo esta «nossa» pretensão. A resposta aconteceu nos inícios de Janeiro último, com a anotação de que a edilidade aprovara a colocação do «monumento», da autoria do escultor Bruno Marques, que hoje inauguramos, no espaço nobre de Nossa Senhora da Conceição. Esta homenagem, que teve como patrocinadores Valentim dos Santos, proponente do projecto, e a Câmara Municipal de Vila Real, é para a cidade e para o distrito. Recorda o sacerdote, o musicólogo, o filólogo, o homem humilde no ser, sábio no dizer.

A Associação dos Antigos Alunos do Seminário de Vila Real agradece penhoradamente a Valentim Fernandes dos Santos e ao executivo da Câmara Municipal de Vila Real

Laus Deo

Ribeiro Aires



VALENTIM FERNANDES DOS SANTOS

Valentim Fernandes dos Santos, natural de Golas, freguesia de Salto, concelho de Montalegre, nasceu no dia 13 de Outubro de 1959, filho de José Maria Antunes dos Santos e Teresa Fernandes.

Entrou no Seminário de Vila Real no ano lectivo de 1972/73, tal como outros cinco jovens Saltenses, para frequentar o 3º ano, vindos da Escola da Borralha, cujo fundador e diretor foi o Padre João Adelino, homem a quem a freguesia de Salto e o Baixo Barroso muito devem.

O Valentim adaptou-se facilmente a vida do Seminário! Ostentava um sorriso permanente, irradiava contagiante alegria, características que geraram simpatia dos colegas, com quem sempre cultivou sã camaradagem.

Quando frequentava o 7º ano, em Fevereiro de 1977, ao partir para férias do Carnaval, foi aconselhado pelo Senhor Vice-Reitor a não regressar. Apesar disso voltou! A sua determinação em continuar criou nele a esperança de que a sua vontade sensibilizaria Dr. Selas. Porém encontrou a porta do quarto trancada. Persistiu e abriu-a utilizando a chave de outro e instalou-se no “seu canto”.

A decisão superior, que lhe pareceu injusta, foi definitiva e irredutível, reafirmada com a frieza da expressão: “Não reúne condições para continuar; tem que sair.” Profundamente abalado saiu do Seminário nesse fim de tarde e foi hospedar-se na Pensão Coutinho, ao lado da Sé.

Tentou frequentar estabelecimentos de ensino de Vila Real, mas todas as portas se fecharam.

Não se rendeu e com a orientação do seu conterrâneo Padre Barroso Magalhães, que já tinha secularizado, foi para Chaves, onde frequentou o Liceu, com a bênção do também barrosão Dr. António Gil, que ali lecionava Português e Literatura. No final do ano concluiu o 7º ano liceal, mas sem Grego, disciplina que não era lecionada em Chaves.

No ano seguinte matriculou-se no Propedêutico em Braga e fez exame de Geografia e Francês, superando a lacuna do Grego. Era sua aspiração prosseguir os estudos no Ensino Superior.. Mas o Valentim nasceu numa família de nove irmãos! Em face de tão numerosa prole os recursos eram limitados. Nesse tempo ainda estavam dependentes dos pais sete filhos! Alistou-se, como voluntário, nos paraquedistas, onde esteve quinze dias. Foi rejeitado porque usava óculos.

Não conseguiu pedir mais sacrifícios aos pais e rumou a França, à boleira de um camião TIR.



Aqui o principal problema foi obter a legalização do contrato de trabalho. No seu dizer “andou aos tom-bos”, desempenhou vários ofícios, desde serviços de limpeza, empregado de balcão e funcionário de lavanderia. Foi muito importante conhecer a língua francesa.

Para poder permanecer em França regularmente, ao fim de um mês veio à cidade invicta e obteve um “visto de estudante” no Consulado de França no Porto.

Em 1981, em consequência da vitória eleitoral de François Mitterrand, o Estado Francês legalizou milhares de emigrantes, decisão da qual beneficiou o Valentim.

Em Paris, incentivado por dois amigos de Nantes, adere ao apelo da restauração frequenta um curso profissional de bar-man, durante nove meses. Trabalhava à noite e estudava de dia. Fez um segundo curso e obteve o diploma de empregado de mesa, com elevado e reconhecido mérito, tendo sido contratado pelo restaurante “Le Dôme”, já então detentor de uma estrela Michelin. Aqui serviu, conheceu e cativou, com a sua empatia e talento, grandes figuras das artes, da política e da sociedade francesa e internacional. Um dos seus amigos foi o Embaixador de Portugal em Paris, o Dr. Gaspar da Silva. O seu talento e simpatia abriram-lhe muitas oportunidades, sendo frequentes as solicitações de serviços em embaixadas e festas de gente famosa.

Refere com muito orgulho que nessa fase encontrou em Paris dois amigos, colegas do Seminário: o Monsenhor Agostinho Borges e o Dr. Manuel Queirós, que estudavam na Cidade da Luz!

Apesar do sucesso profissional de que desfrutava em França, a nostalgia pelas raízes fez com que em 1986 projetasse, de modo sustentado, o regresso a Portugal.

Deparou com um obstáculo relevante: em Portugal era considerado desertor (não cumprira o serviço militar). Quando completou os 27 anos de idade regularizou a situação, pagando uma “taxa militar” e passou à reserva territorial. Neste contexto da sua vida o Valentim teve a competente colaboração de um funcionário do Consulado de Portugal em Paris, o António, que o ajudou a superar os entorpecedores procedimentos burocráticos, e a quem se declara eternamente grato.

Regressou a Portugal com a família (a esposa e dois filhos) e fixou-se no Porto, onde investiu na restauração, afirmando a sua marca de qualidade superior. O seu primeiro restaurante foi o “Dom Pepe”, na Rua de Santa Catarina. Instalou-se depois no Campo Mártires da Pátria, no restaurante “Carvoeiro”. Mais tarde investe em Matosinhos e funda os restaurantes “Tito 1”, “Tito 2” e “O Valentim”, que chegou a gerir em simultâneo. Finalmente, criou o “São Valentim”, um restaurante de referência na região do Grande Porto, sobretudo pela excelência do serviço do peixe, onde generosamente tem recebido dezenas de antigos alunos do “seu” Seminário de Vila Real, que presenteia com as melhores iguarias.

Paralelamente com a sua arte na restauração, durante doze anos o Valentim também foi empresário da construção civil, sob a inspiração e para gáudio de seu pai, que fora trabalhador nesse ramo de atividade.

O Valentim é um bom exemplo para os nossos jovens e motivo de orgulho e reconhecimento para todos os que frequentaram o Seminário de Vila Real. Atribui a sua rara capacidade de superação dos obstáculos que a vida lhe foi atravessando no caminho, à vivência simultaneamente austera, disciplinada, enérgica e motivadora que colheu no Seminário.

Apesar da forma pouco ortodoxa como foi afastado do Seminário, revela-se grato aos seus educadores e exalta os valores culturais, éticos, religiosos e sociais que aqui recebeu. Afirma, com convicção e orgulho, que a força e determinação que caracterizam a sua bem sucedida caminhada na vida em sociedade se devem aos princípios que recebeu no Seminário.

O Valentim é um homem bom, que conjuga determinação, empreendedorismo e o sucesso, com espírito de sã camaradagem, amizade, solidariedade e rara generosidade.

Há dois atos públicos do Valentim, inspirados pela epidérmica e cultural ligação ao Seminário, que evidenciam a sua personalidade, que importa referir e exaltar: a sua generosa contribuição para o Órgão Sinfónico da Sé Catedral de Vila Real, e a estátua em honra e homenagem ao mestre dos mestres, ao genial Padre Minhava, obra que é, na ideia e na substância, inteira do Valentim!

O Valentim define a vida como uma cadeia de elos, feitos de camaradagem, amizade, solidariedade e oleados com disciplina e saudável ambição.

Atribui o seu dinamismo a factores genéticos e a força interior, a vontade de vencer e capacidade de superação à formação que lhe deu o Seminário.

O Valentim merce a nossa admiração e sincera homenagem.

José Augusto Branco

Assembleia Geral

Presidente - José Augusto Macieirinha(1957/1958)
Secretário – Avelino Fernandes Gomes (1957/1958); Vogais - Baltasar Serafim da Costa Sousa Ferreira (1959/1960); Padre Manuel Coutinho (1971/1972)

Conselho Fiscal

Presidente - José Augusto Francisco Branco(1967/1968); Primeiro Secretário Valentim Fernandes Santos (1972/1973); Segundo Secretário – António Barreira (1973/1974). Vogal - Padre José Amílcar (1968/1969)

Direcção

Presidente -António Mota Dinis do Vale(1955/1956); Secretário – Joaquim Ribeiro Aires (1960/1961); Tesoureiro – Domingos Vilela Costa (1972/1973); Vogais – José Manuel Silva Moura (1962/1963); Mário Machado Oliveira (1959/1960); Fernando José Casinhas Capelas (1985/1986); António Maria Dias Cascais. - (1965/1966)

**SÓCIOS FUNDADORES**

Abel Silveira Montenegro
António Alves da Silva
António A. Saavedra Costa
António Francisco Dias Vieira
António J. Magalhães Cabral
António Mota Dinis do Vale
Ernesto Andrade Costa
José Augusto Macieirinha
José Joaquim Medeiros Moura
Manuel Lopes dos Prazeres
Mateus Carlos Teixeira Alves

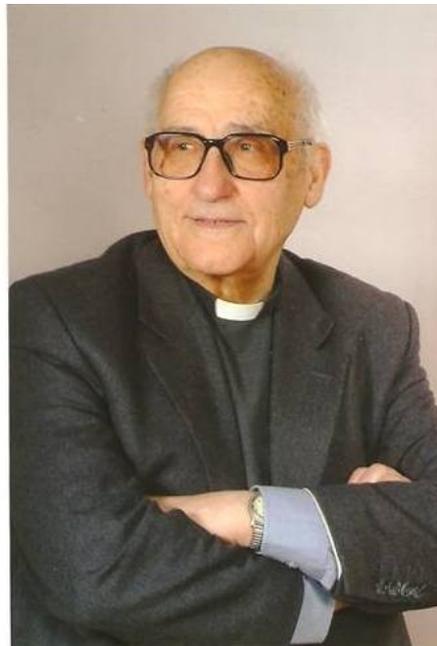
**ADESÃO À UASP**

A Associação dos Antigos Alunos do Seminário de Vila Real aderiu, em Leiria, no dia 17 de Setembro de 2011, à União das Associações dos Seminários Portugueses.

MONS. ÂNGELO DO CARMO MINHAVA

Homenagem

MONS. ÂNGELO DO CARMO MINHAVA nasceu a 15 Janeiro de 1919, em Ermelo, Mondim de Basto. Estudou no Seminário de Vila Real (1931-1941), sendo ordenado presbítero em 19 de Dezembro de 1942. Criou o Orfeão do Seminário de Vila Real (1946) que teve excelente nível artístico e ganhou fama entre os grupos corais portugueses. Mais tarde fundou a Tuna do Seminário. Foi no Seminário que iniciou a sua actividade docente. Aqui foi professor de Latim, de Francês, de Literatura e de Música. Em 1946, começou a ensinar Canto Coral no Liceu de Camilo Branco, dinamizando também aqui o Orfeão que actuou com muito brilho nas festas do 1º de Dezembro. Em 1953, foi convidado para ser professor de Canto Coral na Escola Industrial e Comercial. Ao mesmo tempo foi também professor de Moral. Como a música fazia parte da sua vida há muitos anos, ei-lo a fundar o Orfeão da Escola Técnica que, durante anos, cantou para as gentes transmontanas, encantadas com o nível elevado que sempre atingiam as suas actuações. A este sucesso acrescentava a exibição do Grupo de Bailados Regionais, o Grupo de Teatro e um agrupamento musical, dinamizados por ele ou então que dele recebiam a força, o entusiasmo para seguirem em frente. Aliás, o Pe. Minhava, assim conhecido, exalava energia. Desdobrava-se em esforços múltiplos para que nada falhasse nos espectáculos em que o Orfeão actuava. Cuidava de todos os pormenores. Fazia viagens a expensas próprias, ainda que ao serviço da Escola, tendo de justificar, mesmo assim, as faltas dadas. Gastava horas e horas em ensaios. Mas foi graças a todo este esforço, dado com gosto, que a Escola pôde brilhar nos anos sessenta. Foi um trabalho, de algum modo, reconhecido. As inspecções escolares mostraram sempre muito apreço pelas suas actividades artísticas. Por isso as menções de “Excelente”, “Muito Bom” traduziram-se em vários louvores oficiais. Para além de ter sido um “excelente” professor, o Pe. Ângelo Minhava sempre se revelou um músico de raro talento e um polígrafo notável. Dirigiu também o orfeão do Instituto Politécnico. Escreveu inúmeras marchas populares: Vila Real, Sabrosa, Régua, Sabrosa, Boticas, Valpaços, Mondim de Basto, Amarante, de muitas aldeias etc., e ainda de Inhambane, Angola, Guiné, Açores, entre outras. Criou hinos de batalhões militares, rapsódias, musicou poesias suas e de variados autores portugueses e até estrangeiros, viu editados vários discos com as suas músicas. De entre estas, a mais célebre foi “Angola é Nossa”... Escreveu o poema herói-cómico-lírico *Cabrilhada*, varias comédias - *Um Turista no Marão*, *A Bruxa*, *Bengala Milagreira* -, fez estudos etnográficos e estudos linguísticos - *Venha Comigo à Lua*, publicado pela Porto Editora - e traduziu contos do russo e do alemão. É autor de “*Aleo Aleo*”. Foi polemista. Escreveu em jornais e revistas sobre temas ocasionais e sobre Linguagem, motivando esta secção o convite para colaborar em publicações de nível universitário. Apoiou jovens com talento para a música. Foi designado de Monsenhor em 20 de Abril de 1997, aquando das bodas de diamante da diocese de Vila Real. Em 3 e 4 de Abril de 1998 foi homenageado pela cidade de Vila Real. Faleceu a 2 de Dezembro de 2016.



Ribeiro Aires